

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Campus Higienópolis

Karen Mattoso Pereira Fiorin

**Educomunicação no Ensino Médio: uma vivência na
abordagem de temáticas socioambientais**

São Paulo
2019

Karen Mattoso Pereira Fiorin

**Educomunicação no Ensino Médio: uma vivência na
abordagem de temáticas socioambientais**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Biologia da Universidade
Presbiteriana Mackenzie – Campus
Higienópolis.

Profº. Dr. Adriano Monteiro de Castro.

**São Paulo
2019**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, instituição a qual me formo como professora de ciências e biologia.

Ao meu orientador Adriano Monteiro de Castro por sempre me receber com um abraço e sorriso no rosto, pelo caminho cheio de aprendizagem e troca de ideias que traçamos juntos durante a orientação.

Aos meus professores que contribuíram para minha formação, em especial a minha primeira professora da licenciatura, Ana Paula Ferreira, que sensibilizou meu olhar para a educação e me fez persistir no caminho da profissão docente. E as professoras Magda Pechylie e Rosana Jordão, que me tiraram o sono com tantas provocações para reflexão, que acompanharam meu desenvolvimento durante meu processo de formação, e principalmente me fizeram acreditar no poder da profissão que escolhi e enxergar a responsabilidade que carrego de agora em diante. Essas três educadoras me inspiram por assumirem tão lindamente o papel social de um educador e por fazerem a sala de aula ser um espaço de debate, reflexão e troca. Escolho o caminho da educação para lutar por mudanças graças a vocês.

À toda minha família, em especial minha mãe, Mônica, a mulher mais incrível que conheço, por sempre estar ao meu lado, por ser meu porto seguro e por acreditar em mim até nos momentos em que nem eu acredito. E ao meu primo Alex Jr., que sempre estimulou a curiosidade em mim e fez contribuições importantes para o meu trabalho.

A todos meus amigos estiveram comigo no meu processo de formação, em especial meus amigos Gustavo, Renata e Beatriz, que fizeram esses três anos serem mais leves, compartilhando comigo momentos de alegria, tristeza, diversão, desespero, e em todos eles, nunca soltaram a minha mão. Crescemos muito juntos nesses três anos, e que venham muitos mais para compartilharmos. Agora, além de serem meus melhores amigos, são meus companheiros de profissão, que honra dividir a carreira docente com vocês.

Ao Gustavo e Renata mais uma vez, e à Tamires, que participaram da realização deste trabalho, abraçaram a proposta e dividiram a função de mediação comigo durante todo o processo e o fizeram muito bem. Obrigada por terem vivido isso comigo.

À E. E. Professor Silvio Xavier por me receber e ao professor de biologia Luiz Fonseca que permitiu que este trabalho fosse desenvolvido em suas aulas, colaborando e contribuindo em cada etapa do processo.

E por fim, aos estudantes da turma 3ºB da E. E. Professor Silvio Xavier, que participaram e curtiram comigo cada etapa desse trabalho. Agradeço pelas risadas, pelas conversas, pelos debates e pela troca que tivemos durante o processo. Aprendi muito com vocês e me orgulho do que construímos juntos.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo aplicar as perspectivas da Educação Ambiental e da Educomunicação, que, em comum, visam a uma educação democrática, formadora de indivíduos autônomos e que ajam criticamente na sociedade. Para tanto, foi realizado um programa de rádio com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Silvio Xavier Antunes, a partir da metodologia Cala-boca já morreu, descrita por Lima (2009). Essa metodologia traz a possibilidade de desencadear processos de autoria através da produção de comunicação, permitindo uma ressignificação das histórias pessoais e coletivas. Durante o processo, os estudantes apresentaram características presentes na perspectiva da educação tradicional, entretanto, com a intervenção dos mediadores e os diálogos estabelecidos entre educadores-educandos e educando-educando, o processo foi se aproximando, a cada etapa, da perspectiva de uma educação libertadora. Com isso, foi possível notar a contribuição da Educomunicação para o desenvolvimento de Educação Ambiental crítica, sensibilizando o olhar dos educandos perante as questões socioambientais, além de fortalecer a relação entre os mediadores e estudantes.

Palavras-chave: Educomunicação. Educação Ambiental. Estudantes. Educação democrática.

ABSTRACT

This study aimed at applying the perspectives of Environmental Education and Educommunication, both of which propose a democratic education, ensuing autonomous individuals that act critically on society. For this, a radio program was made with third year high-school students of Escola Estadual Professor Silvio Xavier Antunes, using a methodology called Cala-boca já morreu, described by Lima (2009). This methodology offers the possibility to start authorship processes through the production of communication. This allows the emergence of new meanings to personal and collective stories. During the activity, the students presented actions under the influence of a traditional approach of education. However, after the intervention of the mediators and with educators-students and students-students dialogues, step by step the process was closer to a liberating education approach. Thus, it was possible to see the contribution of Educommunication to the development of a critical Environmental Education, as the students became attentive to socioenvironmental issues and as the relation between mediators and students was strengthened.

Key-words: Educommunication. Environmental Education. Students. Democracy Education.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
3.1 Levantamento e Definição da Pauta	17
3.2 Produção e Considerações sobre o Processo e o Produto	20
3.3 Processo de construção da comunicação.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Considerando a problemática socioambiental que vivemos hoje e que a cada dia vem se agravando, pensei na relação desse problema com a formação das crianças e adolescentes, que se estabelece da seguinte maneira: a carência de reflexão e desenvolvimento de senso crítico nas escolas acarreta uma formação precária no que diz respeito à educação como transformação social.

Ora, se vivemos em uma crise socioambiental, devido a ações antrópicas que se guiam em um sistema político-econômico fadado ao fracasso, já que seu objetivo é conseguir lucro a partir da superexploração dos recursos naturais e concentração da produção do capital lucrado nas mãos da minoria da população, as soluções deveriam partir da sociedade e, para isso, é necessário a compreensão desse fenômeno capitalista. Assim, este trabalho foi pensado para que a temática fosse discutida no âmbito escolar.

Pensando em proporcionar a reflexão dos educandos de modo geral e com ênfase nas questões socioambientais, minha escolha foi trabalhar sob a perspectiva da Educomunicação, já que esta abarca o compromisso de garantir que grupos sociais comumente silenciados tenham espaço de fala, a partir de um processo crítico-reflexivo.

Ao produzirem comunicação, os educandos têm a possibilidade de desenvolver autonomia e pensamento crítico perante a realidade vivida, fatores essenciais para formação de cidadãos ativos na sociedade, comprometidos com a transformação social. Isso se faz necessário, partindo da ideia de que o papel social da escola deve estar relacionado com o compromisso na formação de cidadãos que lutam pelo que acreditam e buscam por maneiras de tornar o mundo um lugar melhor.

Partindo dessa visão, minha escolha seguinte foi realizar esse trabalho na Escola Estadual Professor Sílvio Xavier Antunes, a qual frequento como “pibidiana” há um ano e meio devido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e acompanho a turma que realizou a atividade desde o começo de 2019.

Além da minha relação com a escola e com a turma ser um fator que me levou a essa escolha, enxergo no PIBID um potencial enorme no que diz respeito à transformação social, pois possibilita que o sujeito que está se formando

professor entre em contato com diversas realidades e problemas no âmbito educacional como um todo, fruto do sucateamento da educação e que nos desperta para a luta pelo direito de uma educação de qualidade e nos faz querer despertar o mesmo ímpeto nos estudantes.

Com isso, buscando assegurar aos estudantes do Ensino Médio o direito de não só receber informação, mas também o de produzir comunicação, o objetivo geral do presente estudo foi viabilizar o processo de construção coletiva de comunicação para a abordagem de questões socioambientais.

E, para tanto, os objetivos específicos foram:

- Identificar as principais problemáticas ambientais com os estudantes;
- Construir coletivamente um programa de rádio que tratasse das problemáticas ambientais identificadas;
- Analisar, juntamente com os participantes, a comunicação produzida.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A crise socioambiental que vivemos hoje se deve, principalmente, ao consumo excessivo e à má distribuição dos recursos naturais, características que marcam o modelo capitalista (REIGOTA, 2009).

Essa crise se apresenta em um crescente ao longo dos anos, exigindo-se mudança nas formas de pensar e agir perante as questões ambientais, a partir de uma reflexão sobre os desafios que uma mudança social traz (JACOBI, 2002).

Para que essa reflexão ocorra de maneira crítica, faz-se necessário tratar o tema no âmbito escolar, sob a égide interdisciplinar da Educação Ambiental, que pode ser definida como sendo um conjunto de propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências como a capacidade de avaliação e participação dos educandos na resolução de problemas socioambientais (REIGOTA, 1998).

A Educação Ambiental deve ser compreendida como uma educação política (REIGOTA, 2009). Pelicione e Phillip Jr. (2004), defendem que para atingi-la o educador deve criar condições e ferramentas para que haja

construção de ideias e conhecimento pelo educando, os quais por sua vez, devem ser significativos em sua vida.

Uma maneira de tornar o que está sendo discutido significativo para o educando é aproximando o assunto de sua realidade, aproveitando as experiência e saberes prévios que esse sujeito traz consigo a partir das suas vivências (FREIRE, 2017).

Como aponta Fernandes (2010), a Educação Ambiental auxilia na identificação dos problemas socioambientais e a encontrar alternativas para solucioná-los, a fim de sensibilizar a sociedade, possibilitando que os indivíduos participem ativamente perante as problemáticas socioambientais.

Para que isso se efetive, deve-se considerar as ideias apresentadas por Pelicione e Phillip Jr.:

Não existe Educação Ambiental se ela não se efetivar na prática, na vida, no cotidiano das pessoas, se ela não transformar primeiro as pessoas e depois os espaços, a partir das necessidades sentidas.

Assim, torna-se necessário:

- Conhecer a realidade;
- Estabelecer diagnóstico socioambiental com a participação da população local;
- Realizar levantamento;
- Pesquisar sobre os problemas existentes;
- Eleger prioridades;
- Tomar decisões;
- Encontrar soluções para esses problemas, intervindo sobre eles de modo a tornar a vida de todos melhor. (PELICIONE; PHILLIP JR., 2004).

De acordo com a Lei nº 9.795, art. 2º e 3º, a Educação Ambiental deve estar presente na educação nacional e no processo formativo de todo cidadão no âmbito formal e informal, devendo ser assegurado pelo poder público, instituições educativas, órgãos integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente, meios de comunicação em massa e a sociedade como um todo (BRASIL, 1999).

Para se trabalhar a Educação Ambiental no processo formativo dos cidadãos e cidadãs, exige-se atividades coletivas, uma vez que a educação se dá em na coletividade. Assim, é necessário que o grupo conceitue meio ambiente e a partir disso, escolher a abordagem mais adequada para conhecer e, se possível, resolver determinada problemática, visando a prática de uma Educação Ambiental como uma educação política (REIGOTA, 2009).

De modo semelhante, Capra (2006) defende a necessidade de se atingir a compreensão sobre os princípios básicos da ecologia e ser capaz de aplicá-los na vida cotidiana a fim de criar comunidades sustentáveis, evocando, portanto, a importância de se trabalhar as questões ecológicas nas escolas.

Para Capra e Luisi (2014), é necessária a compreensão da ecologia a partir de uma perspectiva sistêmica, ou seja, sem fragmentação dos fenômenos e elementos que compõe o meio ambiente, entendendo que nada está isolado, mas sim integrado, e, portanto, tudo que se estabelece no meio, se dá a partir de uma interação.

Para se trabalhar as questões socioambientais de maneira reflexiva, de modo a garantir a aprendizagem, é preciso pensar sobre as abordagens de ensino para atingir esse objetivo (PELICIONE; PHILLIP JR., 2004).

Segundo Guimarães (2004), existem dois tipos de abordagens para a Educação Ambiental, a conservadora, que reforça os paradigmas sociais, e a crítica, que permite a compreensão e intervenção na realidade socioambiental.

A Educação Ambiental conservadora se aproxima da abordagem mais presente hoje nas escolas: a abordagem tradicional de ensino, que por sua vez tem como característica a memorização e reprodução dos conhecimentos por parte dos educandos. Dessa forma, uma aprendizagem significativa pode não ser alcançada, já que esta consistiria na construção do conhecimento e não na reprodução do mesmo (MAURI, 1999). Sua descrição tem como base o que Freire (1968) chama de educação bancária, em que o indivíduo é visto como um depósito de informações e a função do professor é transmitir o conhecimento, de forma a entender o educando como aquele que não sabe, e o educador aquele que sabe. As críticas ao ensino tradicional fomentam a reflexão sobre estratégias de ensino que favoreçam o processo de aprendizagem.

A educação ambiental crítica se assemelha ao que Freire (1968) chama de educação libertadora ou transformadora, perspectiva de pedagogia que pretende formar cidadãos críticos e reflexivos, pois acredita que dessa forma, o indivíduo possui ferramentas para transformar a sua realidade.

Sendo assim, Freire (1968) defende que a relação entre o educador e o educando deve ser horizontal baseada no diálogo, de maneira que o professor não se coloque como detentor de todo saber, assumindo seu inacabamento perante o conhecimento e entendendo que o educando traz consigo toda uma

experiência de vida e esses conhecimentos devem ser considerados e valorizados.

Baseado nessa perspectiva de educação libertadora de Paulo Freire, Kaplun (2002), a partir da sua compreensão de que “cada tipo de educação corresponde a determinadas concepções e uma prática de comunicação” (KAPLUN, 2002, p. 15), sugere um modelo de educação que põe ênfase no processo, ou seja, enxergar a educação como um processo baseado no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico através da construção coletiva do conhecimento, o que significa que ninguém se educa sozinho, exigindo, portanto, uma relação dialógica que tem como objetivo principal que o sujeito pense e que o pensar leve-o a transformar sua realidade.

Para tanto, esse processo deve ser fundamentado na valorização da autonomia do sujeito, de forma a viabilizar seu desenvolvimento, para que este possa atuar ativamente na sociedade, e então, transformá-la (FREIRE, 2017).

Diferente dos outros dois modelos propostos: educação com ênfase nos conteúdos, que entende aprendizagem como transmissão do conhecimento e não como construção, se assemelhando ao que Freire (1968) chama de educação bancária, pois o objetivo dessa perspectiva é que o sujeito memorize informações; e a educação com ênfase nos efeitos, que apesar ter como objetivo a mudança de atitudes, estas já estão pré-definidas, de forma a condicionar e moldar o indivíduo à conduta esperada (KAPLUN, 2002).

Em todas as perspectivas, a comunicação se estabelece de uma forma. Kaplun (2002), defende que toda educação é um processo de comunicação. Ou seja, ao identificar como a comunicação entre educador e educando se estabelece, é possível dizer que tipo de educação está em prática. A partir disso, começa um movimento de relacionar esses dois conceitos até chegar no que se conhece hoje por Educomunicação.

O conceito de Educomunicação visa a de um modo de pensar em agir criticamente e assume uma proposta de intervenção social a partir da produção coletiva de comunicação de um grupo social garantindo o direito de liberdade expressão. Dentro dessa perspectiva, portanto, o trabalho de mediação se estabelece com o compromisso e postura política de buscar possibilidades para a transformação da realidade de acordo com a vontade e alternativas do grupo social com o qual se trabalha (SOARES, 2015).

Ao se trabalhar em grupo, como é a proposta da Educomunicação, as relações que se estabelecem entre os sujeitos refletem-se em atitudes que são tomadas uns com os outros, tais como respeito, solidariedade e cooperação que influenciam o processo da realização da produção de comunicação (LIMA, 2009).

Para praticar a Educomunicação, o mediador deve ter clareza de sua função, semelhante ao de um professor seguindo a ideia de Freire (2017) sobre estimular a curiosidade dos educandos, para que estes desenvolvam perguntas e pratiquem uma reflexão crítica sobre a própria pergunta, conferindo uma relação dialógica entre educador e educando. Ou seja, é necessário que ambos se assumam epistemologicamente curiosos.

Para que a comunicação verdadeira se estabeleça faz-se necessário a virtude de saber escutar, com paciência e criticamente o outro. Por meio da prática da escuta, aprende-se a falar *com* o indivíduo e não *para* o indivíduo (FREIRE, 2017).

Quem tem algo a dizer, deve exercer o seu direito de fala, porém, com a clareza de que não é o único que tem algo a dizer, e, mais do que isso, deve assumir o compromisso de motivar e desafiar quem escuta, com o objetivo de que esta pessoa responda, ou seja, ao exercer seu direito de fala, necessita cumprir seu dever de escuta. Sendo assim, a sua fala não acontece em um espaço silenciado, mas em um espaço com ou em silêncio. Quem escuta, portanto, é silencioso e não silenciado (FREIRE, 2017).

Corroborando essa perspectiva, Kaplun (2002), trabalha a ideia de comunicação educativa, que deve ser fundamentada em uma relação dialógica, em processo retroalimentativo, em que o receptor de determinada mensagem exhibe uma resposta ou reação, tornando-se o emissor de uma nova mensagem. Por isso, em prática educacional, a capacidade de análise do que está sendo dito deve ser aumentada devido a uma preocupação com quem está recebendo a mensagem.

O campo da Educomunicação é um processo – o que significa que o produto final não é o que interessa – que se constitui de ação política porque é marcado pelo debate da diversidade de posturas, transdiscursividade e de ação prática que se consolidam na atualização ou realização de projetos idealizados pelos grupos sociais (SOARES, 2015).

Dessa forma, para que o processo de Educomunicação ocorra é necessário que o processo educacional transformador se estabeleça, bem como a comunicação marcada pelo diálogo e participação democrática do grupo garantindo que os participantes desse processo sejam os autores da comunicação e não meros reprodutores (KAPLUN, 2002).

A participação democrática de todos no processo da construção da comunicação, é uma característica também presente da Educação Ambiental. Reigota (2009, p.13) defende que ela deve ser entendida como educação política, e para ela se consolidar dessa forma deve-se analisar “as relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos”.

A partir da Educomunicação proporciona-se as reflexões necessárias referentes às questões socioambientais, já que se estabelece de forma dialogada e interacionista, abrindo espaço para argumentação e discussão, valorizando os conhecimentos de todos, de forma transversal, permitindo a abordagem da temática nas mais diversas áreas do conhecimento e por fim, garantindo o direito a produção e acessibilidade a comunicação respeitando a diversidade humana (BRASIL, 2008).

A união da educação ambiental com a Educomunicação tem sido definida por alguns autores como Educomunicação Socioambiental. Martirani (2008), por exemplo, adota tal definição justificando que sua abordagem deve se dar a partir de metodologias participativas e problematizadoras, baseadas na reflexão, discussões críticas, organização e pacto social. O mesmo pode ser identificado no documento publicado pelo Ministério do Meio Ambiente, *Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação* (2008), que justifica o uso dessa definição por consistir em processos comunicativos ambientais com fins pedagógicos, marcados pelo diálogo, trabalho coletivo e participação.

A Educomunicação Socioambiental, portanto, estabelece o compromisso com o diálogo interativo, com troca de saberes de maneira transversal, produção participativa democrática, protegendo e valorizando o conhecimento popular e diversidade humana com vistas à democratização da comunicação e acesso à informação socioambiental (BRASIL, 2008).

Assumindo que a Educação Ambiental e a Educomunicação possuem o compromisso comum de intervenção social e ação transformadora política, como

defendem os autores Reigota (1998) e Soares (2015), a Educomunicação Socioambiental pretende unir os dois campos a fim de cumprir com o objetivo partilhado (BRASIL, 2008).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa com vistas a assegurar aos estudantes do Ensino Médio o direito de não só receber informação, mas o de produzir comunicação, viabilizando o processo de construção coletiva de comunicação para a abordagem de questões socioambientais.

Para o estudo proposto foi inicialmente adotada a Metodologia Cala Boca Já Morreu¹, pois essa, segundo Lima (2009), traz a possibilidade de desencadear processos de autoria através da produção de comunicação, permitindo uma ressignificação das histórias pessoais e coletivas.

A metodologia citada orienta, como um primeiro passo, o Levantamento e a Definição da Pauta: momento no qual cabe ao grupo atuante decidir o que querem tornar público, por meio de processos que busquem um consenso do grupo, e não apenas por votação. Os temas e decisões, portanto, surgem a partir de práticas dialógicas, permitindo que as pessoas também possam se conhecer melhor durante o processo (LIMA, 2009).

Um segundo momento descrito pela autora é a Produção. É ideal que a produção de comunicação seja coletiva, com o cuidado de não manipular as informações coletadas, mas sem se eximir de manifestar opiniões. É neste momento também que se decide a divisão de tarefas, duração da produção etc. Aqui também fica abarcada a pré-edição, com a busca do que for necessário para compor a criação coletiva. Após isso, o grupo organiza as ideias na edição, restando, ao final, apenas detalhes de pequenos acertos e da finalização.

A Apresentação consiste num terceiro momento, no qual é tornada pública a mensagem que o grupo produziu. Lima (2009) enfatiza que a legitimidade dessa mensagem está na naturalidade, com a valorização das características do

¹ O Projeto Cala-boca já morreu é uma associação sem fins lucrativos, constituída em 2004, depois de nove anos de existência como uma ação sem fins lucrativos do Instituto GENS de Educação e Cultura. Tem como objetivos criar oportunidades para que as pessoas, independentemente da idade, origem e condição social, vivenciem processos de formação de grupo, pautados pelos princípios da cogestão e apoio mútuo, e exerçam o direito à comunicação. A metodologia citada começou a ser usada em 1995.

grupo, como o sotaque da região, por exemplo. Porém a autora ainda considera que saber de antemão que a produção será tornada pública faz com que o grupo se atente a cuidar do discurso que será construído.

Um último momento, que foi nomeado como Avaliação na proposta inicial da metodologia, teve seu rótulo readaptado para Considerações sobre o Processo e o Produto, enfatizando a perspectiva de se reconhecer o processo como um todo, e não apenas a produção final, além de incluir todos os participantes, inclusive os especialistas, numa perspectiva de horizontalidade dos membros do grupo (LIMA, 2009).

A proposta de produção coletiva foi apresentada a uma escola pública estadual de São Paulo, para ser desenvolvida no contexto do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Foram disponibilizadas quatro aulas. Participaram da produção 15 estudantes, sendo quatro homens e 11 mulheres da faixa etária compreendida entre 17 e 18 anos. Os participantes receberam Termos de Consentimento para serem assinados por seus responsáveis e foi garantida a confidencialidade e anonimato.

Assim, ocorreram os seguintes encontros:

- Dia 16/07/2019 – Levantamento de pauta;
- Dia 23/07/2019 – Pré-edição;
- Dia 30/01/2019 – Pré-edição, gravação e considerações;
- Dia 01/10/2019 – Gravação e considerações;

A gravação do programa de rádio foi feita por meio da função gravador de um celular smartphone.

Em função da impossibilidade de outras disponibilidades de agenda da escola, a edição final foi realizada sem a participação dos estudantes, com o uso do software livre e de código aberto Audacity.

O Programa de rádio pode ser ouvido na íntegra no link: https://drive.google.com/file/d/1mWkZt8B_jJtkr-kgQ-Ah7VLMNptqVU_F/view?usp=sharing

O momento de Apresentação não foi contemplado para a execução do presente estudo, já que ficou a critério do grupo decidir se a apresentação seria feita e como se daria.

Os encontros foram registrados em áudio e anotações de campo para posterior análise e discussão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentei aos estudantes, a proposta de realizar um programa de rádio sobre o tema meio ambiente e todos concordaram em participar. Para tanto, eu, juntamente com três colegas, Gustavo, Renata e Tamires, também participantes do PIBID, assumimos o papel de mediadores da atividade.

Combinei com o professor oficial da turma, que no PIBID assume o papel de professor supervisor dos “pibidianos”, a quantidade de aulas que ele poderia ceder para a elaboração do programa de rádio e montamos um cronograma a partir disso. Não houve participação do professor supervisor durante o processo, cabendo apenas a mim e aos meus colegas a função de mediação.

Inicialmente, havíamos combinado que o processo aconteceria em três encontros, entretanto, no terceiro encontro, os mediadores, juntamente com o grupo de estudantes, decidimos que precisaríamos de mais um encontro e nos foi cedida mais uma aula.

Para análise, os dados obtidos foram subdivididos da seguinte maneira:

3.1 Levantamento e Definição da Pauta

Iniciamos com o levantamento de pauta, para isso, fizemos uma roda de conversa. Quando sentamos em roda, foi possível perceber a mudança de comportamento dos estudantes, que de início estavam mais quietos e quando mudamos a configuração da sala e nos sentamos com eles na roda, iniciamos de fato uma conversa. Acredito que esse formato abra mais espaço para o diálogo, característica essencial para uma educação libertadora descrita por Freire (1968), do que as carteiras enfileiradas e os mediadores à frente da turma, característica presente na abordagem tradicional de ensino descrita por Mauri (1999).

Quando nos sentamos em roda é possível olharmos para o outro enquanto fala, percebermos quem gostaria de se posicionar. Também, nós, mediadores, ao nos colocarmos ao lado deles e não a frente, nos aproximamos de uma relação horizontal entre educador e educando, característica também presente na educação libertadora descrita por Freire (1968).

É importante ressaltar que o ato de modificar a configuração das carteiras e posição do educador na sala de aula por si só, não significa que a abordagem

não seja tradicional. O que está sendo levantando nesse momento é que ao se posicionar em uma roda ao lado dos educandos e não à frente, nos livramos de algumas limitações que podem interferir no momento em que estamos dialogando.

Para realizarmos o levantamento de pauta, questionei os educandos sobre o conceito de meio ambiente, ou seja, meu interesse era saber o que eles entendiam por meio ambiente. Isso porque, para realizar uma educação ambiental política, é necessário que o próprio grupo escolha a abordagem que considera mais adequada para tratar do assunto (REIGOTA, 1998).

Durante a discussão sobre o conceito de meio ambiente, foram levantados diversos elementos, bióticos e/ou abióticos, que compõem o meio ambiente, compreendendo que uns exercem influência sobre os outros a todo momento. Concluímos, então, que meio ambiente é um determinado espaço composto por elementos bióticos e abióticos que interagem e se modificam devido a essa interação, que segue a linha de pensamento sistêmico, corroborando as ideias de Capra e Luisi (2014). Seguindo essa concepção, compreendemos que nós, seres humanos, fazemos parte do meio ambiente e que, portanto, meio ambiente não se resume em florestas e áreas verdes: a escola que estudamos, o bairro onde moramos, e tudo que está a nossa volta é também meio ambiente.

A partir dessa conclusão, juntamente com os meus colegas do PIBID, questionei quais problemas os estudantes enxergavam em relação ao meio ambiente e sobre o que gostariam de falar. De início, ficaram quietos, demonstrando certa insegurança o que de acordo com Lima (2009) é compreensível, já que a tarefa de pensar e tomar decisões por si mesmo não é simples. Com a intenção de amenizar suas inseguranças, nós, mediadores, tentávamos enfatizar a todo momento que não havia com o que se preocupar, pois toda colocação é válida e será levada em consideração para definirmos a pauta, demonstrando reconhecimento e valorização dos conhecimentos que os sujeitos trazem consigo a partir das suas vivências, aspecto importante para uma relação horizontal entre educador e educando segundo Freire (1968). Com essa fala, muitos dos que estavam quietos fizeram suas colocações e contribuições. Assim, as seguintes problemáticas foram levantadas:

- Desmatamento

- Queimadas
- Aquecimento global
- Lixo marinho
- Extinção de espécies
- Consumo e descarte

Nesse momento, a comunicação se estabeleceu de forma democrática, todos ali presentes tiveram a oportunidade de levantar as problemáticas ambientais que eles consideravam relevantes para serem discutidas a partir das suas experiências e contato com o assunto. Dessa forma, segundo Kaplun (2002), caminhamos para um processo educacional transformador, já que para atingi-lo, a interação entre as pessoas e sua realidade devem ser dialéticas, visando o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e sua consciência social.

Conforme as problemáticas foram sendo levantadas, os educandos perceberam como as temáticas se relacionavam e de que forma poderiam falar sobre todos os temas exibindo suas relações, característica presente na perspectiva sistêmica defendida por Capra e Luisi (2014).

Para eleger uma só temática, foi feita uma votação em que dois participantes escolheram abordar o tema consumo e descarte, alegando que isso é algo muito próximo do cotidiano deles e o restante escolheu lixo marinho, com a justificativa de que se sensibilizam com o impacto ambiental no ambiente marinho causado pelo lixo. Nenhum estudante optou por se abster. A fim de contemplar todos os participantes da produção do programa de rádio, um dos estudantes sugeriu que abordássemos as duas temáticas, uma vez que durante o levantamento de pauta, todos conseguiram perceber a relação, entre esses dois assuntos e todos concordaram com a sugestão e a discutiram brevemente evidenciando a relação entre o consumo excessivo com o descarte, consequentemente excessivo e possivelmente incorreto que chega ao mar e pensaram em como essa organização se daria. Todavia, decidiram que seria mais interessante pesquisar sobre o tema para surgirem novas ideias. Com essa discussão, os educandos conseguiram vivenciar de fato, uma decisão tomada pelo grupo, já que esta não se resumiu em uma simples votação, como propõe Lima (2009), ao argumentar que fomos habituados a decidir somente por contagem de votos, deixando de lado a discussão, por isso, a autora sugere que

os votos sejam abertos, com a possibilidade de se abster, que possam ser justificados proporcionando aos participantes a vivência de uma decisão efetivamente coletiva.

Nesse episódio, fica evidente que os educandos se apropriaram da essência da Educomunicação, que, segundo Soares (2015), é garantir a liberdade de expressão do grupo como um todo. Além disso, é possível perceber a atitude de respeito como descreve Lima (2009) na relação que os meninos e meninas estabelecerem nesse momento de produção coletiva de comunicação.

A maneira como os estudantes enxergam o consumo, como uma problemática socioambiental que acarreta tantas outras, como o lixo marinho, se assemelha ao pensamento de Reigota (1999), que aponta esse fator como um dos principais motivos para a crise socioambiental que vivemos.

A partir do que discutimos, pensei que seria interessante apresentar um documentário chamado “A história das coisas”, pois retrata os problemas causados sistema socioeconômico vigente e seus impactos na sociedade demonstrando que a extração, produção, distribuição, consumo e descarte fazem parte da lógica capitalista, como cada uma dessas etapas acontecem, bem como o papel que pessoas e grupos sociais cumprem concluindo que é um sistema insustentável por seguir um sistema linear, enquanto a natureza e recursos naturais seguem um sistema cíclico. Ao apresentar tudo isso integrando os diversos fatores que implicam em uma crise socioambiental, nos aproximamos da visão sistêmica defendida por Capra e Luisi (2014), em que não existem fenômenos isolados.

Com esse documentário preocupei-me em apresentar uma perspectiva sobre a problemática escolhida, buscando conhecer a realidade com a intenção de sensibilizá-los. O que para Pelicione e Phillip Jr. (2004) e Fernandes (2010), são fatores importantes para a consolidação da Educação Ambiental.

3.2 Produção e Considerações sobre o Processo e o Produto

Optamos por apresentar no presente estudo as etapas de Produção e de Considerações sobre o Processo e o Produto em um único item, pois entendemos que ambas acabam ocorrendo de modo entremeado, já que no transcorrer da produção há um processo contínuo de reflexão do grupo sobre as escolhas e percursos que vão sendo adotados.

Em nosso segundo encontro, contemplamos a pré-edição, que consistiu principalmente na pesquisa sobre a temática escolhida anteriormente. Para isso, a turma se dividiu em três grupos, sendo que cada um ficou responsável por dar um foco na pesquisa de um subtema da grande temática.

Durante a pesquisa em grupo, eu e meus colegas do PIBID assumimos o papel de orientadores da pesquisa da seguinte maneira: enquanto os estudantes estavam reunidos discutindo e pesquisando, passávamos nos grupos para conversar sobre o desenvolvimento da pesquisa. A fim de orientá-los no momento da pesquisa, nossa função foi estimular os meninos e meninas a pensarem sobre o que gostariam de falar, para isso, perguntamos a eles quais perguntas eles gostariam de responder no programa de rádio para então, pesquisarem sobre o assunto, validando e considerando o que era levantando pelos estudantes. Essa foi uma maneira que encontramos de estimular a curiosidade deles sobre o tema em questão, pois para Freire (2017), isso é essencial para exercer a função de professor, que também assume uma postura de mediador. A curiosidade tratada na perspectiva do autor, não é pura e simplesmente a curiosidade espontânea, mas a curiosidade epistemológica, que se fundamenta na observação sistemática do objeto.

Dentro dos grupos, os estudantes colocavam suas opiniões para os demais e procuravam a melhor maneira para entrarem em acordo. Para tanto, foi necessário que todos contemplassem a virtude, defendida por Freire (2017), de saber ouvir o outro, demonstrando que reconhece não só o seu direito de fala, mas também o direito dos demais. Apesar de Paulo Freire se referir a essa virtude como responsabilidade do educador, não se exclui a importância e essencialidade que esta virtude tem em quaisquer relações sociais. Essa virtude pode ser relacionada com o respeito a opinião e liberdade de expressão dos demais, corroborando Soares (2015) que evidencia que este direito deve ser garantido nas atividades educacionais.

A partir da pesquisa feita, além da possibilidade de discussão, os meninos e meninas tiveram que tomar decisões sobre o que seria e o que não seria abordado posteriormente no programa de rádio. Esse momento é muito importante na hora da construção da comunicação, pois dessa forma, se estabelece o respeito à autonomia dos educandos, o que, para Freire (2017), é

extremamente importante na prática educativa que visa à formação do sujeito autônomo, crítico e reflexivo.

A princípio, os grupos iam apresentar uns para os outros o que haviam pesquisado e pensado a respeito para então organizarem as ideias para a gravação do programa de rádio. Contudo, pensamos que gravar essa apresentação seria mais interessante e a decisão da gravação acontecer dessa forma foi tomada pelo grupo. Essa ação foi ao encontro do que Lima (2009) descreve nessa etapa da metodologia, que revela a importância de a opção ser do grupo, sem que esses recebam comandos de uma outra pessoa e a obedeçam, já que, o fato da proposta da produção de comunicação ser coletiva, o que implica que as decisões devem ser tomadas no coletivo, é por buscar a formação de indivíduos autônomos capazes de se livrar de tentativas de dominação.

Em nosso terceiro encontro gravamos o programa de rádio, que vou considerar como sendo a primeira versão, pois houve duas gravações.

Nessa primeira versão, os estudantes estavam inseguros com receio de errar algum conceito ou dado que havia sido pesquisado anteriormente. Tal insegurança pode se relacionar com o fato de que, a estrutura escolar reforça características da educação bancária descrita por Freire (1968), em que o educando é visto como um depósito de informações fornecidas pelo educador de modo que qualquer conhecimento do educando que não tenha sido ensinado pelo educador, esteja potencialmente errado. Perrenoud (2007), evidencia a relação da avaliação classificatória, tão presente na educação formal e, herdada da pedagogia tradicional, com a criação de hierarquias entre os próprios estudantes, de maneira que os que se saem melhor em avaliações e, portanto, apresentam maior índice de acertos são considerados melhores quando comparados com os que apresentam menor índice de acertos. Esse tipo de relação pode, então, desencadear uma insegurança por parte dos educandos.

Por esse motivo, a turma decidiu que um de cada grupo seria o responsável por apresentar o que foi pesquisado e discutido e apresentaria as ideias que foram estruturadas na pré-edição. Isso resultou em uma produção mecanizada, em que apenas os elegidos previamente tiveram a oportunidade de fala. Mesmo assim, os que falaram não se colocaram ativamente, pois se agarraram aos dados das pesquisas que realizaram junto ao grupo. Nessa

situação, a questão da autoria se perdeu e passaram a ser reprodutores de ideias que não foram pensadas por eles, contrariando o que Kaplun (2002) defende para o processo de Educomunicação.

Ao ouvirmos o resultado da primeira versão do programa de rádio, pudemos perceber claramente que o que foi descrito anteriormente de fato aconteceu e percebemos que essa não foi uma estratégia interessante. Nós, mediadores, questionamos os estudantes se eles reconheciam aquele programa como deles, se percebiam que aquilo que estava sendo dito representava os pensamentos que eles tinham sobre o assunto. Procuramos, assim, ser fidedignos à proposta da Educomunicação de garantir o direito de liberdade de expressão do grupo social em questão, aspecto sempre lembrado por Soares (2015), como de fundamental importância. Ao nos responderem que aquela gravação não continha a opinião deles sobre o tema, decidimos, enquanto grupo, ou seja, mediadores e estudantes, regravar em um quarto encontro, devido ao pouco tempo que nos restou desse encontro.

Em nosso quarto encontro, a única coisa que definimos previamente foi quem faria a abertura e o encerramento do programa de rádio. Dessa vez, minhas colegas Renata e Tamires não puderam participar. Trabalhamos na mediação nesse encontro eu e meu colega Gustavo.

Antes da gravação conversamos com os estudantes para que não se preocupassem com os dados coletados da pesquisa, que não só poderiam, mas deveriam colocar suas opiniões, relacionar a temática com as suas experiências, pensar em sugestões e propostas para solucionar a problemática apresentada. Mesmo assim, eles gostariam de estar com a pesquisa deles para não se esquecerem do que gostariam de falar.

A preocupação dos meninos e meninas em trazer dados e explicar quais lixos são recicláveis, quais não, o que é lixo orgânico, como nosso lixo chega até os mares, entre outras coisas, demonstra que enxergam a relevância de se conhecer alguns dos princípios básicos da ecologia para argumentarem sobre a problemática trabalhada corroborando Capra (1999) que considera os conhecimentos dos princípios básicos da ecologia são essenciais para a Educação Ambiental se consolidar.

Começamos a gravação e, dessa vez, mais estudantes participaram, sem seguir uma ordem já pré-determinada conforme um deles ia falando, o outro

levantava a mão pedindo a vez de fala. Divergindo do que aconteceu na primeira versão, nesta, a fala de alguém acontecia em um espaço silencioso e não silenciado, diferença explicada por Freire (2017), que diz que, enquanto no espaço silencioso, o silêncio é intermitente, ou seja, quem está em silêncio, não permanece nesse estado continuamente, todos ali são convidados a romper o silêncio quando acharem necessário, já no espaço silenciado, quem está falando sequer considera o que o outro tem a dizer, portanto, quem está em silêncio, nele permanecerá, pois seu direito de fala lhe foi tomado.

Nessa versão, os estudantes ainda se prenderam às pesquisas que fizeram, mas conseguiram demonstrar suas opiniões e trazer experiências pessoais ao dizerem que as problemáticas socioambientais devem estar mais presentes em discussões realizadas no âmbito escolar, sugerindo que a falta de discussão sobre a temática resulta na ausência de conscientização da sociedade; ao relatarem a quantidade de lixo que observam nas ruas que acabam por contribuir não só com a poluição dos mares, mas também com as enchentes; ao denunciarem a falta de preocupação dos mercados ao utilizarem embalagens feitas de plástico em situações que consideram desnecessárias.

Ao apresentarem seus pensamentos, estão exercitando seu pensamento crítico-reflexivo sobre a temática trabalhada, uma vez que conseguem opinar sobre o assunto. Esse fator é fundamental para a prática de Educomunicação quando compreendida pelo modelo de educação com ênfase no processo proposta por Kaplun (2002).

Devido ao fato de os educandos trazerem suas experiências relacionadas ao que estava sendo discutido, pode-se dizer que o que estava sendo trabalhado naquele momento possui significado contribuindo para a construção de seus conhecimentos, pois segundo Freire (2017), os saberes que o educando já possui são essenciais para uma aprendizagem significativa.

Além das suas experiências, trouxeram também das suas próprias maneiras de se comunicar. Durante a gravação, uma estudante utiliza a gíria “mano” com entonação de indignação, característica da região de São Paulo comumente observada na comunicação de jovens, demonstrando de onde ela vem e qual grupo social ela pertence. Ao final da gravação, apesar de a estudante ter se incomodado em utilizar essa gíria naquele momento por não ser considerada própria à linguagem formal, preocupei-me em deixar claro não havia

problema algum naquela fala, muito pelo contrário, demonstrava o quanto sua indignação ao ver a quantidade de lixo nas ruas é real e os representava, uma vez que utilizam dessa gíria no seu cotidiano. Dessa forma, respeitamos e valorizamos a expressão utilizada pela educanda, corroborando as considerações de Lima (2009), de que o momento de nos ouvirmos, é uma oportunidade de aprendermos a valorizar o nosso próprio jeito de falar sobre aquilo que nos interessa.

Em um determinado momento da gravação acabei participando no programa de rádio questionando sobre o que, a partir do que foi falado, eles sugeririam para tentar melhorar essa situação. Essa participação foi com a intenção de estimular a reflexão dos estudantes para pensar em soluções para o problema discutido, tendo em vista a formação de cidadãos e cidadãs que busquem a transformação social, o que é objetivo da Educação Ambiental evidenciado por Reigota (1998) e da Educomunicação explicitado por Soares (2015).

Quando sugerem em suas falas a necessidade da mudança de pensamento das pessoas e sensibilização da sociedade sobre a problemática do lixo, além da necessidade de se trabalhar mais esse tema nas escolas, pode-se dizer que estes compartilham do objetivo da Educomunicação Socioambiental apresentada no documento Educomunicação socioambiental: *comunicação popular e educação* (2008).

A experiência de ouvir o que tínhamos gravado foi essencial para que o grupo tomasse a decisão do que seria tirado do programa e/ou regravado, ou seja, o que eles gostaram, não gostaram e quais mudanças gostariam de fazer. Uma estudante pediu para regravar uma de suas falas, pois acreditava que não havia sido clara manifestando sua preocupação com o outro que está ouvindo sua mensagem, fator importante para que a comunicação se estabeleça uma vez que, segundo Kaplun (2002), o receptor da mensagem não deve ser passivo da informação e exibe uma resposta ou reação ao remetente, portanto, se a mensagem não for clara, essa resposta ou reação é inviabilizada.

Além dessa decisão, os educandos gostariam que fossem retiradas as pausas longas entre suas falas, ocasionadas pela passagem do microfone de um para o outro, ou por terem esquecido o que iam dizer, a forma como dizer, e,

por isso, pausavam sua fala para pensar e formular a mensagem que queriam passar.

Anotei tudo que foi solicitado pelo grupo e no momento da edição me certifiquei que os pedidos fossem cumpridos, já que não haveria possibilidade de realizar essa parte da atividade junto com eles.

Mesmo sendo considerada com maior domínio sobre o tema discutido por ser graduanda do curso de Ciências Biológicas, não interferi na tomada de decisão do grupo no momento das considerações sobre o produto, isso porque reconheço e valorizo os saberes dos educandos corroborando a perspectiva de Lima (2009) sobre essa etapa da construção da comunicação.

3.3 Processo de construção da comunicação

O fato de o processo ter sido dividido em encontros com tempo certo de duração, ocasionou, algumas vezes em interrupção ou redução de discussões e conversas importantes para a construção do programa de rádio, além de impossibilitar a participação de todos da turma em todas as etapas, pois houve dias em que não foram à escola, o que acabou sendo um fator limitante para o desenvolvimento dessa prática. Entretanto, conseguimos cumprir, dentro dessas limitações com o compromisso da Educomunicação, evidenciado por Soares (2015), com a promoção da participação democrática de todos os presentes em cada etapa.

Durante toda a construção da comunicação contemplamos os fatores apontados por Pelicione e Phillip Jr. (2007) para a consolidação da Educação Ambiental, tais como: conhecer a realidade e estabelecer diagnóstico socioambiental, realizar levantamento, pesquisar sobre os problemas existentes, eleger prioridades, tomar decisões e encontrar soluções para esses problemas.

Analisando todo o processo da prática educomunicativa, é possível verificar o respeito à liberdade de expressão dos integrantes do grupo e busca por possibilidades para transformação da realidade de acordo com a realidade e vontade do grupo, como defende Soares (2015). Além de atender a práticas que visam à conscientização, mudança de comportamento e participação dos educandos na resolução das problemáticas socioambientais, como defende Reigota (1998).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, o objetivo geral do presente estudo foi atingido, já que o processo de construção coletiva de comunicação para a abordagem de questões socioambientais foi viabilizado.

O tempo de duração das aulas e a divisão de etapas em encontros foi uma limitação pois em alguns momentos estávamos no meio de uma discussão e o tempo acabava e tínhamos que ir embora e não foram todos os estudantes que conseguiram participar de todas as etapas. Entretanto, mesmo com essas limitações, o processo foi baseado no diálogo e discussão, estimulando a reflexão dos educandos, de forma a contribuir para os seus processos formativos como cidadãos.

O levantamento de pauta para a identificação das problemáticas ambientais e a pré-edição foram extremamente enriquecedoras no processo, foram nesses momentos que as relações entre os mediadores e os estudantes e entre eles mesmos se fortaleceram baseadas no respeito ao outro e o que este tem a dizer.

Por isso, foi possível verificar que de fato, o produto final não é o mais importante, mas o processo como um todo, já que aquele é resultado de tudo que foi construído durante o processo – relações, aprendizados, etc... –, além do que, os estudantes não se mostraram inseguros e receosos nas etapas anteriores a gravação do programa de rádio.

Na primeira gravação, apesar de inseguros e receosos, foi essencial que esta acontecesse para que pudéssemos perceber como a reprodução de ideias que não são nossas nem sempre nos representa, além da falta que faz a participação dos demais na produção de uma comunicação, já que nessa versão a comunicação não foi estabelecida, limitando-se apenas a uma simples transmissão de informação.

Com essa leitura da primeira gravação, a segunda se consolidou de maneira bem diferente, pois os estudantes conseguiram colocar mais suas visões e vivências pessoais e coletivas, demonstrando suas emoções em relação ao que estava sendo dito e com isso, as falas iam instigando os demais a falarem também, diferentemente do que aconteceu na primeira versão.

Por tudo isso, consideramos que o processo de Educomunicação contribuiu positivamente para a abordagem de questões socioambientais, pois promoveu o exercício de reflexão visando desenvolver o pensamento crítico e sensibilização dos educandos perante as problemáticas trabalhadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/txbase_educom_20.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CAPRA, F. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F.; LUISI, P. **A visão sistemática da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

FERNANDES, D. do N. A importância da educação ambiental na construção da cidadania. **OKARA: Geografia em debate**, João Pessoa, v. 4, n. 1-2, p. 77-84, 2010.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004

JOCABI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cad. Pesqui.** São Paulo, n. 118, p. 189-206, março de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 de mar. 2019.

KAPLÚN, M. **El comunicador popular**. Buenos Aires: Lumenhumanitas, 2002.

LIMA, G. L. **Educação pelos meios de comunicação- produção coletiva de comunicação na perspectiva da Educomunicação**. São Paulo: Instituto GENS de Educação e Cultura, 2009.

MARTIRANI, L. A. Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo de Educomunicação Socioambiental. In: INTERCOM 2008 - XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Intercom [...]**. Natal: Intercom, 2008. p. 01-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1697-2.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MAURI, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, C. MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M.; ONRUBIA, J. SOLÉ, I. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1993. p. 79-122.

PELICIONE, M. C. F. Fundamentos da Educação Ambiental. In: PHILLIP JR, A.; ROMÉRO, M. de A.; BRUNA, G. C. **Curso de Gestão Ambiental**. Barueri, SP: Manoele, 2004.

PERRENOUD, P. A avaliação entre duas lógicas. In: PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999, p. 9-23.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998. p.43-50.

_____. **O que é Educação Ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SOARES, D. **Educomunicação: o que é isto**. São Paulo: Projeto Cala-boca já morreu, 2015.